

## OSSOS FORTES

### **Bancos de leite humano colaboram para fortalecimento da massa óssea de recém-nascidos prematuros**

Os bancos de leite humano integram a política de saúde pública brasileira desde 1985. A contribuição da estratégia para redução da mortalidade infantil é reconhecida pela Organização Mundial da Saúde (OMS) e o modelo brasileiro vem sendo replicado em todo o mundo. Apesar de todas as evidências científicas sobre os benefícios da amamentação natural, a qualidade do leite materno e do alimento oferecido por bancos de leite humano ainda é questionada – principalmente pelo lobby da indústria alimentícia. Estudos inéditos que comprovam a eficácia do leite humano na recuperação de recém-nascidos prematuros de baixo peso serão apresentados no V Congresso Brasileiro / I Congresso Iberoamericano de Bancos de Leite Humano, que acontece de 28 a 30 de setembro, em Brasília.

No programa científico do evento, duas pesquisas da Universidade de São Paulo (USP) com resultados inéditos sobre a formação óssea e o desenvolvimento de recém-nascidos de muito baixo peso merecem destaque. Estudo desenvolvido pela pediatra Marisa da Matta Aprile, coordenadora do banco de leite do Hospital Estadual Mario Covas, em Santo André (SP), compara pela primeira vez os resultados da alimentação de recém-nascidos prematuros de muito baixo peso, com até 1.500 gramas, com leite da própria mãe, com produtos selecionados do banco de leite humano e com fórmulas lácteas artificiais. Os resultados comprovam a eficácia e a segurança da nutrição dos pacientes neonatais com leite selecionado de banco de leite humano e desaprovam o uso de fórmulas lácteas artificiais.

“Recém-nascidos prematuros têm necessidades nutricionais especiais, pois a gestação reduzida compromete a transmissão de nutrientes da mãe para o filho. Na natureza, esta questão é solucionada pela adequação do leite materno. Mulheres que têm filhos prematuros produzem naturalmente um leite especial, com alto valor protéico e elevadas concentrações de sódio, cloro, fósforo e diversos fatores de proteção”, Marisa apresenta. A pediatra explica que os bancos de leite humano também atendem as necessidades especiais dos bebês prematuros, porque a distribuição do produto é determinada de acordo com o perfil do recém-nascido e a composição do leite doado. “Para os recém-nascidos prematuros de muito baixo peso são selecionados alimentos com maior valor calórico e nutricional, conforme preconizado pela Rede Brasileira de Bancos de Leite Humano (RedeBLH)”, a pediatra descreve.

Para comparar os resultados da nutrição destes pacientes neonatais com os três tipos de leite, o estudo acompanhou o crescimento de bebês internados no Hospital Estadual Mário Covas segundo o comprimento da criança, perímetro encefálico e peso. “Os bebês alimentados com leite selecionado do banco de leite humano perderam menos peso nas primeiras semanas de vida e recuperaram-se mais rapidamente, atingindo 2 kg em torno da sétima semana de vida”, Marisa relata. Os resultados são semelhantes aos obtidos por bebês alimentados com leite da própria mãe mais satisfatórios que os registrados por crianças alimentadas com fórmulas lácteas artificiais.

“Apesar de recém-nascidos prematuros apresentarem elevada probabilidade de desenvolver problemas como enterocolite necrosante, déficit de visão e broncodisplasia, os bebês alimentados com leite selecionado de banco de leite humano não registraram estas intercorrências”, Marisa destaca e acrescenta que o acompanhamento das crianças até os seis meses de vida comprovou o desenvolvimento neurológico adequado para a idade.

Outro estudo, desenvolvido como tese de doutorado na Universidade de São Paulo (USP), avaliou o desenvolvimento da massa óssea de recém-nascidos prematuros alimentados com leite de banco de leite humano. Os resultados comprovam a qualidade do leite de bancos de leite humano e indicam que os bebês alimentados com este produto têm desenvolvimento proporcional ao de bebês alimentados pelo leite da própria mãe.

“Prematuros nascem com uma deficiência na mineralização dos ossos e por isso precisam uma alimentação adequada, com elevadas concentrações de proteínas, vitaminas e minerais, como cálcio e fósforo. Estes nutrientes estão presentes no leite humano e por isso quando a mãe não puder amamentar o bebê deve consumir leite de banco de leite humano”, garante Virgínia. Quando um prematuro não recebe quantidade adequada de nutrientes – sobretudo cálcio, fósforo e proteínas – apresenta uma doença crônica grave, chamada doença metabólica óssea, caracterizada pela estatura diminuta, osetopenia, osteoporose, raquitismo – problemas graves que podem levar a fraturas ósseas espontâneas.

Para acompanhar o crescimento e desenvolvimento de bebês prematuros alimentados com leite da própria mãe e produtos selecionados do banco de leite humano do Hospital Universitário da Faculdade de Medicina da USP, o estudo aplicou o exame de densitometria óssea – metodologia inovadora no país. “No Brasil, este exame é realizado somente em adultos e crianças crescidas. Geralmente, é prescrito por reumatologistas, ginecologistas e ortopedistas, que não atendem bebês”, Virgínia ressalta.

Os bebês foram avaliados durante os seis primeiros meses de vida e o estudo concluiu que a alimentação com leite de banco de leite humano proporcionou o crescimento ósseo adequado. Os resultados foram comparados ao desempenho de recém-nascidos termos, que nasceram próximos de 40 semanas. Também nestes casos a alimentação exclusiva com leite humano foi suficiente para o bom crescimento ósseo.

## **OS RISCOS DA ALIMENTAÇÃO ARTIFICIAL PARA RECÉM-NASCIDOS**

Além de confirmar a eficácia e a segurança da alimentação de recém-nascidos prematuros de baixo peso com leite de banco de leite humano, os estudos reforçam que substituição do leite humano por fórmulas lácteas artificiais compromete significativamente o desenvolvimento e a saúde da criança. Enterocolite necrosante, broncodisplasia, déficit de visão, raquitismo, osetopenia e osteoporose estão entre os problemas mais comuns enfrentados em longo prazo por bebês alimentados artificialmente nos primeiros seis meses de vida.

**Enterocolite necrosante** – A necrose do tecido intestinal afeta sobretudo recém-nascidos prematuros de baixo peso e tem consequências graves. Os bebês que desenvolvem a doença não toleram alimentação e a criança pode perder pedaços do intestino – sequela que permanecerá por toda a vida.

**Déficit de visão** – Recém-nascidos alimentados com fórmulas lácteas artificiais permanecem mais tempo na incubadora. A exposição prolongada a danos oxidativos, como as elevadas concentrações de oxigênio da incubadora, resultam, entre outros problemas, no déficit de visão. Em contrapartida, o leite humano tem muitos fatores antioxidantes, que protegem a visão.

**Broncodisplasia** – A permanência do recém-nascido na incubadora também prejudica o desenvolvimento do sistema respiratório, atrasando a maturidade pulmonar. O resultado é a broncodisplasia, que pode comprometer o sistema respiratório por toda a vida.

**Desenvolvimento neurológico** – Estudos internacionais comprovam que crianças prematuras alimentadas com leite humano atingem, aos sete anos, 10 pontos de quociente de inteligência (Q.I.) a mais que crianças alimentadas com fórmulas lácteas artificiais.

**Osteopenia da prematuridade** – Esta doença metabólica comum entre recém-nascidos prematuros é resultado da deficiência de fósforo. Por conta desta tendência, a indústria alimentícia divulga a necessidade do consumo de aditivos pelos bebês prematuros. No entanto, recém-nascidos alimentados com leite da própria mãe ou com leite selecionado de bancos de leite humano recuperam-se melhor e mais rápido.